

Jacques Lacan, “O Outro” de André Breton¹

Jacqueline Chénieux-Gendron²

Tradução de Rafael Eduardo Franco³

UMA CERTA FETICHIZAÇÃO DO DISCURSO DE JACQUES LACAN – um discurso que para mim soa muito mais jocoso que jubilatório – fez com que grande parte da crítica pensasse que seu discurso desempenhava um papel operador ou indutor para diversos escritores e poetas. Eu fui a primeira a me convencer disso, e gostaria de inicialmente mostrar como, por volta de 1930, o diálogo, ou leitura recíproca, de André Breton e Jacques Lacan abriu a possibilidade para a primeira reformulação da *escritura automática*, cuja intuição original, por si só complexa, era repentinamente remodelada, em decorrência da tomada de consciência da segunda tópica de Freud. Mas, depois, minha reflexão se volta para outra direção: e se falássemos um pouco mais sobre Lacan enquanto leitor de Breton? Para Lacan, o modelo do poeta não é apenas o que ele menciona, mas também aquele cujo nome ele omite. Breton, por exemplo⁴.

Pois a respeito de Breton e Lacan, falou-se muito pouco: o que temos são basicamente anedotas, ressaltando-se duas pequenas frases assassinas que, embora ainda não muito claras, foram pronunciadas pelo último contra o primeiro. Frases a partir das quais teriam deduzido que seus caminhos eram diametralmente opostos. Foram (ao final de 1975, e quase que exclusivamente nessa época) pronunciadas depois do Seminário RSI (*Real Simbólico e Imaginário*). Em uma alusão evidente ao texto de Breton, *Les mots sans ride*, ilustrado por “as palavras fazem o amor” encontramos esta frase: “sozinhos, os significantes copulam entre si no inconsciente, mas os sujeitos patemáticos resultantes, na forma de corpos, são levados a fazer o mesmo - a transar, como dizem”. Frase que (deixemos de lado a afirmação decepcionante, a forma cômica da encenação, a bela invenção da palavra *patemática* (*pathématique*) – uma palavra-entrecruzada que associa o *pathos* do sujeito à qualidade *matemática* do

¹ Texto originalmente publicado em: CHENIEUX-GENDRON, J. *Jacques Lacan, L'Autre de André Breton*. In: MARTY, É. *Lacan et la littérature*. 1.ed. Paris: Éditions Manucius, 2005, pp. 27-48 (N.T.).

² Membro do *Centre de Recherches sur les Arts et le Langage* (CRAL), da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS). Diretora emérita de pesquisa no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS). Foi professora na universidade Denis-Diderot-Paris 7, professora visitante na Universidade de Princeton (2001-2002). Criou e coordenou a revista *Pleine Marge* (1986-2009). É membro do comitê científico do site www.andrebretton.fr. Autora das obras *O Surrealismo* (Editora Zahar, 1992); *Il y aura une fois* (Gallimard, 2004); *Inverter le réel: Le surréalisme et le roman (1922-1950)* (Honoré Champion, 2014); *Surréalisme: l'esprit et l'histoire* (Essair, 2014). (N.T.)

³ Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho (UNESP – Campus de Assis). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

⁴ Toda uma bibliografia, brilhante e sugestiva, envelheceu tanto nesse sentido que o pensamento de Lacan não pode mais ser vinculado novamente sem trazer dificuldades ao estruturalismo linguístico. Contudo, lembremo-nos dos livros de Jean-François Lyotard, *Discours, figure*, Klincksieck, 1971; de Philippe Lacaue-Labarthe et Jean-Luc Nancy, *Le titre de la lettre, une lecture de Lacan*, Galilée, 1973; e de Peter Collier, “The unconscious image”, em Peter Collier éd., *Modernism & the European Unconscious*, St Martin's Press, New York USA, 1990. Mais recentemente, é possível se referir a M.A. Charbonneau, *Science et métaphore. Enquête philosophique sur le pensée du premier Lacan 1926-1953*, Québec, Press de l'Université Laval, 1997; e Soraya Tlatli, *Le Psychiatre et ses poètes, essai sur le jeune Lacan*, Tchou, 2000. Minha interrogação pessoal, que é antiga, foi discutida sobretudo com dois jovens lacanianos, Radu Turcanu, cujo trabalho publiquei na edição 24, em novembro de 1996, da revista *Pleine Marge*, sob o título “*Qui Parle? Le peu de réalité surréaliste et lalangue psychanalytique*”, e Lucia Grossi dos Santos, cujo trabalho foi publicado na edição 36 da mesma revista *Pleine Marge*, sob o título: “*Lacan, le père et le langage*”.

propósito) se limita a retomar a fórmula estruturalista dos anos cinquenta, segundo a qual o sujeito é um efeito do significante. Portanto, a definição oblíqua é desnecessária. Já a frase “os imbecis do amor louco que tiveram a ideia de substituir a função da mulher irreal se autodenominavam surrealistas” aponta bem claramente esses últimos como fracos ou insignificantes, ao pretenderem construir a noção de *amor louco*, que apenas faz sentido no âmbito do imaginário. Certamente. Mas o que pode significar “substituir a função da mulher irreal”? Segundo Lacan, a mulher seria irreal *por natureza*, uma vez que lhe falta a inscrição simbólica? Se for esse o caso, não seria exatamente, como tão bem observa Lucia Grossi, em torno dessa falta de inscrição que o poeta, por sua vez, tenta dizer algo inédito? Tocamos assim os arcanos do pensamento lacaniano, para não dizer suas aporias – mas não é essa a via que pretendemos percorrer aqui.

Ora, os poetas pensam: e o fazem por meio de sua língua, de suas *imagens*. E se houve alguém convicto disso, essa pessoa, sem dúvida, foi Jacques Lacan.

Proponho, portanto, que voltemos nossa atenção para três ou quatro momentos sintomáticos, que são também lugares em que o pensamento de um e do outro servem reciprocamente como ponto de contato: quando se confrontam e se aproximam. O catálogo do leilão dos pertences de Breton⁵ oferece, por sua vez, indicações precisas sobre as leituras de André Breton.

Posições: ou como cada um serve de “grade de leitura” ao outro

Se Breton tornou-se apto a dialogar com Lacan, em 1931, é porque tinha acabado de ler Freud, empreendendo com isso uma nova aventura. Com efeito, foi somente a partir da publicação das traduções em língua francesa das *obras completas* de Freud, e de trechos da segunda tópica, com *Au-dèla du principe de plaisir*, que Breton se aplicou a essa leitura. É nesse momento – e não antes, quando Breton lê os livros de Regis e Hesnard ou outras introduções mais gerais, nem mais tarde, quando descobre livros que abordam os aspectos mais antropológicos do pensamento de Freud⁶ – que se articula *certo* pensamento sobre o sujeito, novo em Breton. É precisamente nesse momento que seu pensamento sobre a língua se transforma, passando de uma espécie de fenomenologia selvagem, muito perceptível no *Premier Manifeste* e sobretudo nas primeiras páginas de *Le surréalisme et la peinture* (1925), para uma hermenêutica da língua, cujo pivô é a fábula teórica *Il y aura une fois* (1930). Antes: um “pensamento” do automatismo que sonha com pureza, com transcrição “fotográfica”⁷, com a redução da censura por meio de uma inspiração galopante apta a assumir prontamente os efeitos dessa última, ou o domínio *pela violência* de uma inspiração interminável⁸; depois: a ideia estranha, complexa e repleta de uma certa *elaboração automática*, por meio da qual o sujeito se protege contra toda e qualquer dissolução. A forma produzida automaticamente (texto ou imagem) não seria mais vista como uma embriaguês fácil, que se perde em círculos eternamente dilatados, mas uma espécie de resistência ao movimento indiferenciado.

⁵ A autora faz menção ao catálogo do leilão dos pertences de Breton presentes no ateliê do artista, localizado no ateliê na *Rue 42 Fontaine*, Paris. (N.T.)

⁶ Tal como em *Introdução à psicanálise*, do próprio Freud, da qual ele possuía a edição de 1922, traduzida por S. Jankélévitch, mas que, de todo modo, não se sabe quando ele a adquiriu. Essas informações recentes são oferecidas graças ao catálogo da venda dos pertences de Breton, de 2002. Encontrava-se, ainda, em sua biblioteca: *La Psychopathologie de la vie quotidienne*, 1922; *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, 1923; *Cinq leçons sur la psychanalyse*, 1924; *Psychologie collective. Analyse du moi*, 1924; *Totem et tabu*, 1924; o número especial da revista *Disque Vert* de 1924, consagrada à Freud. Devemos ainda acrescentar: *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*, 1927; *Ma Vie et la psychanalyse*, 1928, livro enviado e acompanhado de um cartão de vista por S. Freud; *L'Avenir d'un illusion*, 1932; *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*, 1936; *Cinq psychanalyses*, 1935; *Métopsychoanalyse*, 1940; inclusive o livro de Stefan Zweig, *Sigmund Freud*, 1932.

⁷ BRETON, André. “Max Ernst”, em *Les Pas Perdus*, 1924, *Oeuvres complètes*, Bibliothèque de la Pléiade, tome 1, 1988, p. 245.

⁸ BRETON, André. *Carnet 1920-1921*, *ibid.*, 619.

Dentre os livros de Freud que mais fortemente parecem ter atuado em seu pensamento estão *Le Rêve et son interprétation*, primeira edição francesa traduzida por Hélène Legros e publicada pela editora Gallimard na coleção Les Documents bleus, em 1925, e *Science des Rêves*, traduzido por Meyerson em dezembro de 1926, livro ao qual Breton dedicou todo um caderno de anotações de leitura – mas também os *Essais de psychanalyse*, traduzidos em 1927 por Jankélévitch, nos quais se encontram *le Moi et le ça* e *Au-dèla du principe de plaisir*, de fundamental importância para o pensamento econômico do sujeito, e, por fim, *Le Mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient*, acompanhado do anexo *De l'humour*, traduzido por Marie Bonaparte em 1930, sobre o qual, tudo nos leva a crer, ele se debruçou intensamente⁹.

Breton se atirou com a veemência do neófito – restam-nos traços disso em suas notas, muito abundantes, e por que não dizer, decisivas¹⁰ – às páginas de *L'Interprétations des rêves* (como foi traduzido *Traumdeutung*), obra que revela a existência de um funcionamento inconsciente do psiquismo e o decifra como um trabalho de linguagem. Assim, não haveria nem deformação do sonho (passagem do conteúdo latente ao conteúdo manifesto), nem interpretação possível sem o trabalho e as astúcias da linguagem. O trabalho do sonho se executaria em vários planos: a transposição e a figurabilidade (*die Darstellung*, essa espécie de adaptação cênica), as quais são possíveis somente após a incidência de outros dois mecanismos sobre os pensamentos do sonho: a Condensação (*die Verdichtung*) e o Deslocamento (*die Verschiebung*)¹¹. O sonho, assim como o chiste, revela que o *lapso* da alma não é um *lapso* do pensamento.

E a leitura complementar que fixa um estatuto de um sujeito totalmente diferente, é a leitura do texto *Au-dèla du principe de plaisir*, na qual se elabora a noção de *ligação* (*liaison*), que controla e modifica particularmente a perspectiva do princípio do prazer e o pensamento econômico do sujeito: uma *ligação* “*não necessariamente oposta ao princípio de prazer, mas que age independentemente dele e que, até certo ponto, o ignora*” (Freud). Este foi, do meu ponto de vista, um texto fundamental para o pensamento de Breton.

Com efeito, quando Breton lança o magnífico *incipit* “*A imaginação não é um dom, mas um objeto de conquista, por excelência*” (do texto *Il y aura une fois*, publicado em julho de 1930, na revista *le Surréalisme ASDLR*), o autor não lança apenas um convite à *ação* poética (a *ação*, irmã do sonho..., uma lógica nervaliana, em suma), mas sobretudo, um convite à canalização das palavras da poesia por meio de uma *condução forçada*, sem deixar que jorrem aleatoriamente, como em uma cascata romântica e lírica, para assim exibir algo que fosse uma espécie de avesso luxuoso da língua: abrir a boca apenas para dizer o não-dito ou o indizível. E, naquele mesmo ano, no mês seguinte, eis que Breton e Éluard começam em apenas algumas semanas *L'Immaculée conception*, cuja parte mais célebre, *Les Possessions*, consiste em mímicas ou pastiches de delírios psicóticos. O preâmbulo é este:

⁹ Como explicar de outra forma o artigo “de ordem” que é publicado sob a assinatura do Dr. Jean Frois-Wittiman pela revista *Le Surréalisme ASDLR*, nº 2, oct. 1930, pp. 26-29, e justaposto à última etapa da polêmica de Breton contra a psiquiatria francesa? Sobre essa polêmica, cujas primeiras etapas são bem conhecidas, ver a nota 24.

¹⁰ Poderíamos procurar interpretar, a escolha das frases copiadas por Breton. Por ter sido a primeira a ter tido a chance de transcrevê-las, eu diria simplesmente que a atenção de Breton enfatiou-se um pouco do início ao fim, e que ele tomou notas sobre os dois capítulos não freudianos que estavam, na época, anexados à edição. Os capítulos *Rêve et poésie* e *Rêve et mythe*, de Otto Rank. A mais interessante é a releitura sobre-interpretativa de uma frase de *L'introduction au discours sur le peu de réalité*, sob a luz da fórmula de Hildebrandt, que fala do sonho como que tirando seus elementos des “migalhas” de um passado recente. Eis a Essa frase: “É ao indiferente que eu tentei exercer minha memória...”, a qual Breton parece também atribuir um valor de *pensamento*. Além disso, as próprias notas são acessíveis (reproduzidas em *fac-símile*) na obra *Folie et psychanalyse dans l'expérience surréaliste*, organizada por Fabienne Hulak, Z éditions, Nice, 1990.

¹¹ FREUD, Sigmund. *L'Interprétation des rêves*, capítulo VI, “*Le travail du rêve*”.

Os autores [...] esperam [...] provar que o espírito, poeticamente orientado no homem normal, é capaz de reproduzir, em traços gerais, as manifestações verbais mais paradoxais e excêntricas, e que está sob o poder desse espírito se submeter o quanto desejar às ideias mais delirantes, sem que haja, para ele, uma perturbação persistente.¹²

Certamente, lembramo-nos do texto *Une vague de rêves* (1924), de Aragon: “Simular uma coisa é diferente de pensá-la? O que é pensado, é”¹³. Mas Breton e Éluard acrescentam ainda a ideia de treinamento poético, o que de modo algum corresponde ao aprendizado racional de uma lição da qual se poderia estabelecer o conteúdo. Um treinamento poético é, de certa forma, o refinamento de uma escuta, bem como a elaboração e a interiorização de uma conduta. Quanto à função indutora dos títulos (eu falei de *títulos-trampolins*¹⁴, podemos dizer também *rampas de lançamento*), a encontramos, perfeitamente evidenciada, nos rascunhos.

Adiantando-me um pouco em minha demonstração: sempre considere que Breton descobria em seus dois textos de 1930, *Il y aura une fois*, publicado em julho, e *L’Immaculée Conception*, no final de novembro, com uma pré-publicação do primeiro capítulo de *L’Homme* em outubro¹⁵, a intuição que levaria Lacan, bem mais tarde, a falar de *lalíngua* (*lalangue*). Pois tanto em Breton, a partir dessa data, como em Lacan, a questão repousa, incansável e inextricavelmente, no sujeito, em sua conduta e sua língua.

O jovem Lacan, por sua vez, que nesse período não adere completamente nem à psicanálise nem à psiquiatria, interessa-se pela escrita de mulheres dementes... e pelos escritores surrealistas. É neste momento que Lacan menciona esta experiência no artigo “*Écrits inspirés: Schizographie*”, publicado em dezembro de 1931 no número 5 dos *Annales Médico-Psychologiques*, com a colaboração de Lévy-Valensi e P. Migault¹⁶. Minha teoria é que Lacan, que havia justamente enviado esse texto como uma publicação à parte a André Breton, forneceu-lhe as chaves para reler o próprio texto, escrito em colaboração com Éluard. Em 1948, Breton ainda cita a publicação enviada por Lacan¹⁷. O que os rascunhos de *L’Immaculée conception* revelam (o efeito trampolim dos títulos na parte *Les Méditations*, e o exercício complexo de correção que começa a surgir), Lacan, de maneira genial, ressalta, exhibe, fornece orientações para a sua teorização. Vejamos como.

No texto de Lacan, não há nenhuma referência à psicanálise, o que é surpreendente quando nos lembramos de que, na época, Lacan estava elaborando sua tese de psiquiatria, na qual a psicanálise tem um papel relevante. Aparentemente, o artigo é um estudo de caso, o caso de Marcelle C., cujos sintomas em debate consistem em distúrbios da escrita. Citemos uma das passagens dos escritos “inspirados” em Marcelle C.:

¹² BRETON, André. *Œuvres complètes*, ed.cit., p. 848.

¹³ ARAGON, *Chroniques 1, 1918-1932*, Stock, 1998, “*Une vague de rêves*”, p. 186.

¹⁴ Diferentemente dos editores da revista *Pléiade*, que tinham violentamente rejeitado minha leitura e que queriam ver nessas páginas um poema compárvavel a *Les Champs magnétiques*. Eu desenvolvi essa divergência fundamental em “*A New Definition of Automatism, L’Immaculée conception*”, em *Dada/Surrealism*, nº 17, 1989, USA, número dedicado a André Breton, sob a responsabilidade de Anna Balakian, e também em “*Du bon usage des manuscrits surréalistes, L’Immaculée conception*”, 1930, na obra *Manuscrits surréalistes*, organizada por Béatrice Didier et Jacques Neefs, Presses Universitaires de Vincennes, 1995.

¹⁵ Na revista *Le Surréalisme ASDLR*, nº 2

¹⁶ LEVY-VALENSI, J. ; MIGAULT, P. ; LACAN, J. “*Écrits ‘inspirés’: Schizographie*”, publicado originalmente nos *Annales Médico-Psychologiques*, n. 5, dezembro 1931. Este texto foi reproduzido em LACAN, Jacques. *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*, Le Seuil, 1975, pp. 365-382.

¹⁷ Em seu artigo de 1948 “*L’Art des fous, la clé des champs*”, retomado em *La Clé des champs, Œuvres complètes*, Bibliothèque de la Pléiade, tome 3, 1999, p. 885, bem como em *Le Surréalisme et la peinture*, 1965, p. 402 da edição Gallimard, Folio/Essais, 2002.

Eu gostaria de saber os mais inéditos à marmota do macaco, mas vós estais tão aterrados pois eu vos odeio tanto que gostaria que vós fôsseis todos salvos. Fé de Arma e de Marne para vos ensafadar e vos fazer chorar o destino dos outros, não o meu. *Marne au diable*¹⁸.

A análise dos “sintomas” da escrita está relacionada a um distúrbio mental que, segundo os autores, apoia-se em uma base dupla: “um déficit intelectual e um estado de estenia passional”. A conclusão do artigo não valoriza o automatismo, e “classicamente” (como o tinha feito Pierre Janet, em *L’Automatisme psychologique*), afirma: “Nada, na verdade, é menos inspirado, psiquicamente falando, do que este texto que no entanto nos dá a sensação de ser inspirado. É quando o pensamento é curto e pobre, que o fenômeno automático o substitui. Ele é sentido como exterior, porque substitui um déficit do pensamento”¹⁹.

Porém, a avaliação global está longe de ser assim, tão desfavorável. Como prova, temos este trecho decisivo encontrado na discussão sobre os distúrbios semânticos:

Porém, nem tudo nestes textos parece resultar de uma formulação verbal degradada de tendências afetivas. Uma atividade de *jogo* aparece, da qual não se pode ignorar nem a parcela da *intenção* nem a parcela do automatismo. As experiências feitas por alguns escritores em um modo de escrita que eles denominaram *sobrerrealismo*, e cujo método descreveram de forma bastante científica²⁰, mostram o incrível grau de autonomia que podem atingir os automatismos gráficos fora de qualquer tipo de hipnose.²¹

Ora, nessas produções, algumas estruturas podem ser definidas de antemão, tal como um ritmo de conjunto, uma forma de sentença pomposa²² sem que isso diminua o caráter violentamente disparatado das imagens que nelas vem se introduzir. Um mecanismo análogo parece se produzir nos textos escritos de nossa doente, para os quais a leitura feita em voz alta revela o papel essencial exercido pelo ritmo. Na maioria das vezes, o ritmo possui, por si só, uma potência expressiva considerável.²³

Assim, sem negar a dimensão sintomática dos escritos de Marcelle C., Lacan serve-se da escrita surrealista para reconhecer em seus textos a parcela de intenção e de jogo. *É a experiência da escrita automática, a partir da simulação das doenças mentais, que confirma, nele o reconhecimento do aspecto criativo do sintoma psicótico*. Assim, Lacan pode ler a psicose de Marcelle enquanto sintoma criativo e *ouvir* seu discurso. Lacan relata que, quando perguntamos à sua paciente o que ela pensa de seus próprios textos, ela responde: “Eu faço a língua evoluir. Temos que dar uma sacudida em todas essas velhas formas”²⁴.

¹⁸ *Ibid.*, p. 373.

¹⁹ *Ibid.*, p.382

²⁰ Aqui aparece uma nota sobre o *Manifeste du surréalisme*, de 1924. Os itálicos da citação são meus.

²¹ Aqui uma outra nota remete a *l’Immaculée Conception*, de Breton e Éluard.

²² Alusão evidente à última parte de *l’Immaculée Conception*, de Breton e Éluard, “Le Jugement originel”, que reescreve provérbios e adágios.

²³ LACAN, Jacques. *De la psychose paranoïaque...*, *op.cit.*, pp. 379-380.

²⁴ *Ibid.*, p. 374.

Lacan reconhece, dentro do próprio meio psiquiátrico, o caráter científico da experiência surrealista da linguagem, o que revela uma surpreendente liberdade de pensamento, cabendo lembrar que os *Annales Médico-Psychologiques* foram o veículo de uma resposta dos psiquiatras ao perigo surrealista. Já se conhece a polêmica²⁵.

Por outro lado, é a parcela da *intenção* em suas experiências de escrita que Breton exhibe, e o faz justamente apoiando-se em Lacan, para responder às objeções publicadas na *la NRF* contra *L'immaculée Conception*²⁶. Ele redefine o pastiche ao qual ele e Éluard se entregaram em *L'immaculée Conception* como uma *economia* a partir de um pequeno número de parâmetros: foi em 1932, na "Carta à Rolland de Renéville"²⁷: "Nós sabemos, escreve, que o pensamento dispõe somente de um pequeno número de sinais de alerta para manifestar distúrbios extremos". E ele fala do exercício da escrita como uma "determinação *a priori*", um "condicionamento" constituído pelo "grupo de sintomas definidos atualmente como patognomônico de tal ou tal doença mental". Não podemos ser mais voluntaristas: e estamos bem longe da visão romântica que as pessoas insistem em associar à atividade automática do surrealismo, na qual um sujeito transparente seria o médium de uma fala vinda *de outro lugar*.

Mas uma outra convergência de pensamento liga Breton, em sua pesquisa, a Lacan, na época da redação de sua tese de psiquiatria: um Lacan que já conhece a psicanálise, mas não pretende se tornar psicanalista. Sua ambição, na época, era fundar uma ciência da personalidade mais próxima da psicologia concreta de Politzer que do inconsciente freudiano: "Esta ciência, de acordo com nossa definição da personalidade, tem por objeto o estudo genético das funções intencionais, em que as relações humanas de ordem social se integram"²⁸. O argumento é rigorosamente convergente com o dos surrealistas, e com o de Breton, acima de tudo, nessa atenção voltada à personalidade em ação, em movimento, animada como ela deve ser, pelo "desejo". Para Lacan, a psicose paranoica é uma das manifestações possíveis da personalidade: na discussão do caso Aimée, Lacan relata sua investigação a partir das entrevistas com membros de sua família e algumas pessoas próximas. A fonte mais importante desta investigação consiste nos escritos da própria Aimée:

Estes escritos nos informam sobre o estado mental da doente na época de sua composição; mas sobretudo nos permitem captar de imediato alguns traços de sua personalidade, de seu caráter, dos complexos afetivos e das imagens mentais que a habitam, e estes fornecerão um material precioso para nosso estudo sobre as relações entre o delírio da doente e sua personalidade.²⁹

²⁵ É no *Second Manifeste du Surréalisme* (1929), retomado em *Œuvres complètes*, Bibliothèque de la Pléiade, tome 2, 1986, que Breton reproduz como introdução um trecho do número de dezembro 1929 dos *Annales* em que está publicado um artigo de Paul Abély, intitulado "Légitime défense" (expressão que retoma um título político de André Breton, de 1926, criando uma polêmica com o aparelho do Partido Comunista). O artigo chama a atenção para o perigo real que representam os surrealistas e cita o trecho de *Nadja* no qual Breton afirma que se ele fosse louco e confinado, aproveitaria para matar um dos psiquiatras encarregados de sua guarda. A continuação do texto é um trecho da discussão que ocorreu após a comunicação de Abély. Desta discussão participaram os mestres de Lacan em psiquiatria: Clérambault, Claude e Janet. Breton relança o debate em out. 1930, em *Le Surréalisme ASDLR*, n°2, com o texto "*La médecine mentale devant le surréalisme*", e é interessante notar que, publicando ao lado do artigo encomendado à Frois-Wittmann sobre o livro *Le Mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient*, Breton opõe assim o *pensamento* de Freud à pusilanimidade de certos psiquiatras franceses.

²⁶ Sob a assinatura d'André Rolland de Renéville, *la NRF*, janeiro 1932.

²⁷ Um texto que será retomado em *Point du Jour*.

²⁸ LACAN, Jacques. *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*, *op. cit.*, p. 315.

²⁹ *Ibidem*, p. 177.

Por outro lado, a compreensão do contexto da paranoia envolve o reconhecimento de ideais sociais superestimadas. Como Freud fez com Schreber: pois apesar de Lacan, em sua tese, ter começado a abordar a psicanálise criticando a teoria freudiana sobre as neuroses narcísicas, considerando-a mítica e imprecisa por não propor uma distinção entre as diferentes psicoses, sua crítica ao narcisismo e à teoria da *libido* concebida como um modelo energético não impede, porém, que Lacan recorra a Freud no que tange o essencial da compreensão da paranoia de Aimée: somente a concepção freudiana da gênese do *superego*, que Freud aplicou para propor uma leitura do caso de Schreber, pode esclarecer a autopunição operante no caso de Aimée, autopunição esta, por sua vez, relacionada aos ideais sociais³⁰.

É nesse sentido, repito, que Lacan se aproxima das referências surrealistas. Finalmente, lembremos que, em seu artigo sobre as irmãs Papin, *Motifs du crime paranoïaque*, publicado no *Minotaure* em 1933, ele retoma o tema da dimensão social da pulsão: “[...] a pulsão agressiva está impregnada de relatividade social: ela sempre tem a intencionalidade de um crime, quase sempre a de uma vingança, frequentemente com o sentido de uma punição, isto é, de uma sanção que tem por origem os ideais.”³¹

Levar em consideração a dimensão social não significa que seja “... a situação social externa o que o crime denuncia, mas sim a anomalia dos “instintos socializados” que encontramos nas assassinas”³². Lacan, assim como Freud, entende que a socialização se faz a partir das pulsões agressivas. Tanto para as irmãs Papin como para Aimée, o acesso à realidade é bloqueado pela imagem: “...as irmãs misturam à imagem de suas patroas a miragem de seus males”³³, conclui Lacan.

Dito isto, nem Breton nem qualquer outro surrealista conduzirá, a partir do estudo da paranoia, um estudo similar sobre o perigo que representa o poder da imagem sobre o sujeito; a constituição do eu desses paranoicos passa pela identificação com uma imagem da qual o sujeito permanece alienado. Para os surrealistas, não existe um pensamento sobre o *imago*, enquanto que, muito rapidamente, com a noção de *imago* e do complexo, Lacan propõe um estudo sobre a família, do qual podemos extrair uma teoria da psicose baseada na função do pai (*Les Complexes familiaux*, 1938). Nada indica que Breton tenha lido essas páginas.

Transições

Poderíamos nos concentrar, não sem alguma ambição, em dois outros vastos pontos de convergência entre os pensamentos de Breton e Lacan. Em primeiro lugar, esse campo em que prevalece, tanto para um quanto para o outro, a referência à Hegel.

O fato de Breton ter sentido a ausência de uma perspectiva *dialética* em Freud fica explícito em algumas passagens da obra intitulada *Vases communicants*. Em toda a primeira parte do livro (1931), que é um “diálogo-com” e uma aplicação do livro de Freud, *Le Rêve et son interprétation* (todas as fontes provém dessa obra, a não ser por apenas uma fonte primária: Hervey de Saint Denys), Breton encontrou uma teoria dos sonhos que ele havia procurado, em vão, na literatura marxista. Ele tenta assimilar o pensamento de Freud ao pensamento marxista, sublinhando placidamente que, em Freud, a substância do sonho é extraída da vida real. Contudo, a divisão promovida por Freud entre a realidade psíquica (sustentada pela fantasia) e a realidade material (terreno de frustração do desejo), atrapalha profundamente o projeto bretoniano de encontrar a resolução dialética para a contradição entre o mundo do sono e o da vigília³⁴. Mas Breton se dedica consistentemente à leitura de Hegel. À

³⁰ Baseio-me aqui na reflexão de Lucia Grossi dos Santos, referência citada em nota 5.

³¹ LACAN, Jacques. “Motifs du crime paranoïaque”, em *Minotaure*, números 3 e 4, p. 26.

³² CHARBONNEAU, M. A. *Science et métaphore, Enquête philosophique sur la pensée du premier Lacan 1926-1953*, Québec, Les Presses de l’Université Laval, 1997, p. 96.

³³ LACAN, Jacques. “Motifs du crime paranoïaque”, art. cit., p. 28.

³⁴ BRETON, André. *Les Vases communicants, Œuvres Complètes*, tome 2, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 1986, pp. 109-111.

forte presença de seus livros em sua biblioteca, que a nós pareceu ser de longa data, acrescentaram-se outras obras com as quais tradicionalmente se associavam na época: havia em sua biblioteca a *Philosophie de l'Esprit*, a *Philosophie de la Nature*, a *Philosophie de la Religion*, a *Logique* – esses 4 livros em tradução (e nas notas) de Véra, dentre os quais, o segundo contendo referências escritas a lápis e de próprio punho – bem como a *Poétique*, na edição de 1855 em dois volumes, com a apresentação e comentários de Ch. Benard, e o livro elaborado por Benedetto Croce, *Ce qui est vivant et ce qui est mort de la philosophie de Hegel*, traduzido em 1910 por Buriot e que provavelmente Breton estudou profundamente³⁵. Onde mais, senão em Hegel, ele teria encontrado a ideia que confirmaria sua intuição de poeta de que o saber só é absoluto se for, ao mesmo tempo, experiência?

Nos anos 30, Lacan, por sua vez, frequenta os seminários de Kojève, onde se dá o ressurgimento dos estudos hegelianos. No início de suas atividades de ensino, após a Segunda Guerra Mundial, tenta conciliar a psicanálise com a dialética hegeliana – e isto ele faz às custas daquilo que representa o ponto crucial da descoberta freudiana: a autonomia do funcionamento do inconsciente (pois existe, de fato, incompatibilidade entre o pensamento de Freud e o de Hegel: o real, para Freud, não tende ao racional). Lacoue-Labarthe e Nancy expuseram com grande convicção o papel que exerce o pensamento de Hegel sobre Lacan³⁶.

Observemos que, em 1953, o texto de Lacan, *Fonction et champ de la parole et du langage*, da conferência de Roma enviado por ele, na forma datilografada, a André Breton, inaugura um período caracterizado pela primazia do simbólico. Trata-se da valorização da fala como instrumento fundamental, na práxis analítica, para trazer o sujeito da dimensão imaginária à dimensão simbólica. Nesse momento da elaboração teórica de Lacan, o que caracteriza o simbólico é a intersubjetividade: a fala é um meio de reconhecimento intersubjetivo do desejo. A simbolização é uma espécie de historicização, enquanto que os sintomas e os traumas são espaços vazios no universo simbólico do sujeito.

“O inconsciente é esse capítulo da minha história marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser reencontrada; na maioria das vezes, ela já está escrita em outro lugar”³⁷.

Nesse momento do pensamento de Lacan, marcado pelo ensino e por um certo retorno a Freud, manifesta-se também uma referência a Hegel, com ênfase na “verdade” presente no campo intersubjetivo da fala. Mas o inconsciente, assim definido, não é produtivo, como o concebia Freud. É como se, até então, Lacan não tivesse percebido o trabalho inconsciente da linguagem. Sua preocupação era trazer a experiência psicanalítica para o campo de uma dialética de inspiração hegeliana³⁸.

Mas, em vez de nos alongarmos a respeito da grande sombra hegeliana que atravessa o pensamento dos anos 30 aos anos 50, podemos nos concentrar nesse entremeio (infinitamente inquietante e produtivo) que leva Breton, bem como Lacan, cada um em um período diferente, a flutuar entre uma perspectiva hermenêutica e

³⁵ Já que se trata aqui da biblioteca de André Breton, precisemos (lista exaustiva) que, sob reserva de roubos que possam ter acontecido durante a Segunda Guerra mundial, esta biblioteca dispunha ainda, em torno de Hegel a *Introduction à la philosophie de Hegel* por A. Véra, em uma edição antiga, um estudo sobre a *Logique* por Noël Gerog, de 1897, um estudo geral sobre Hegel por P. Roques, 1912, e dois volumes de estudos críticos publicados em 1931 na ocasião do centenário da morte de Hegel. Os *Cahiers sur la dialectique de Hegel* de Lênin só foram enviados por seus tradutores a André Breton no ano de sua tradução, 1938, e o livro de Henry Niel, publicado em 1945, foi ainda adquirido, parece, por André Breton.

³⁶ *Le Titre de la lettre*, edição de 1990, citada na nota 2, p. 159.

³⁷ LACAN, Jacques. “Fonction et champ de la parole et du langage”. In: *Écrits*, Seuil, 1966, p. 259.

³⁸ Na “*Intervention sur le transfert*”, Lacan escreve: “em síntese, a psicanálise é uma experiência dialética, e essa noção deve prevalecer quando formulamos a questão da natureza da transferência”, *Écrits*, p. 216. No entanto, Lucia Grossi relembra após outros o quanto esta tentativa de Lacan tem seu mérito, na medida em que ela corresponde a um esforço para recuperar o caráter subversivo da psicanálise e corrigir os desvios da prática psicanalítica ou das práticas adaptativas da psicologia. A psicanálise é uma experiência fundamentada na fala, sem compromisso com a exatidão, com a observação ou com a previsão. A verdade revelada na cura analítica se situa na fala do analisante, em nenhum outro lugar.

uma perspectiva estruturalista do ponto de vista do pensamento sobre a língua. Pois, de antemão, o que devemos nos lembrar – e isso é fundamental – é que, por mais distantes que estejam uma da outra, estas duas filosofias da língua postulam a primazia da linguagem sobre *o real* e redefinem a realidade em função da linguagem, diferentemente da fenomenologia ou do marxismo, que remetem a função dos signos a uma funcionalidade mais geral, na qual a questão da linguagem perde seu privilégio e exclusividade. Hermenêutica e estruturalismo são duas filosofias da língua que postulam um *ser-da-linguagem*, ainda que a posição hermenêutica valorize o significado e o que há além do significado, e a posição estruturalista valorize exclusivamente as diferenças entre os significantes³⁹.

Sendo assim, poderíamos tentar identificar a flutuação extremamente produtiva, que ocorre entre as possíveis posições em relação à filosofia da língua⁴⁰ – a hermenêutica e a estruturalista, sem deixar de lado as primeiras posições de Breton, de tipo fenomenológico – que nossos dois autores adotam: de um lado Lacan, entre 1953 e 1957, e de outro Breton, para quem a maior reviravolta se situa bem antes, em torno de 1930.

A distância entre Breton e Lacan aumenta, e também se aprofunda, durante o ano 1955-1956, quando Lacan realiza seu Seminário sobre *La Lettre volée*, de Edgar Allan Poe, Seminário no qual a teorização sobre o inconsciente é completamente modificada, pois agora a estrutura da linguagem passa para o primeiro plano. Nesse texto, escrito e publicado em 1956, Lacan mostra a função determinante do significante e sua supremacia em relação ao significado. As leis da linguagem não estão em oposição às da fala, mas são mais importantes: encontramos aqui os fundamentos do pensamento do estruturalismo. Nessa perspectiva, a psicanálise alinha-se às disciplinas que adotaram como paradigma a linguística estrutural de Saussure. O sujeito não tem relação direta com o objeto: ele deve passar pelo significante. Reina uma total autonomia do significante, em detrimento da autonomia do sujeito: as palavras dizem mais do que o sujeito gostaria de dizer.

Estaria o período estruturalista de Lacan tão distante do conceito de linguagem de Breton? Temos que recorrer a um texto de Breton que aparece com a data errada em todas as edições, e que é simultâneo ao Seminário de Lacan. É em janeiro de 1955 (e não em 1953) que Breton publica, em *Médium, communication surréaliste*, um texto que, de modo geral, é discretamente rejeitado por terminar com um elogio a (como se um poeta – falo de Breton – devesse ter diploma de filósofo e mais ainda: o de materialista fiel), estou falando de *Du surréalisme en ses œuvres vives*. Breton escreve:

É notório que o surrealismo, como movimento organizado, nasce em uma operação de grande envergadura sobre a linguagem. [...] Do que se tratava então? De nada menos do que de encontrar o segredo de uma linguagem cujos elementos cessassem de se comportar como destroços na superfície de um mar morto [nos referimos, aqui, às páginas de Rabelais, que revelam, enfim, as *falas congeladas*. Distinguindo, então, a escrita automática do monólogo interior em Joyce, ele acrescenta:] não insistimos o bastante sobre o sentido e o alcance da operação que tinha como objetivo restituir a linguagem à sua verdadeira vida, o que é muito melhor do que retornar, a partir da coisa significada, ao signo que dela surgiu, o que, aliás, seria impossível, ou transportar-se num salto ao nascimento do significante.⁴¹

³⁹ Pois enfim a linguagem, na acepção de Saussure, consiste em um sistema de diferenças sem termos absolutos; o espaço entre fonemas ou lexemas, ou significante e por outro lado, significado, se torna sua única realidade. Ela se encontra destituída de “substância”. O signo permanece dentro do universo do discurso. O código que rege os diferentes sistemas semiológicos não procede de nenhum sujeito falante. A negatividade prima.

⁴⁰ Refiro-me aqui ao meu estudo “*L’Envers du monde, l’envers de la langue: un ‘travail’ surréaliste*”, no catálogo *La Révolution surréaliste*, Centre Georges-Pompidou, 2002, pp. 348-359.

⁴¹ BRETON, André. *Manifeste du surréalisme*, folio/essais, Gallimard, 2000, pp. 165 e 167.

A questão é saber de onde raios Breton emprestou a palavra *significante*? De suas conversas com Claude Lévi-Strauss e da leitura de sua obra? Sem dúvida. Mas a ideia principal que se expressa com isso é, antes de mais nada, a de que há uma ruptura epistemológica (*um salto*) entre *coisa significada* e *signo* ou *significante*. Isto é o fundamento do estruturalismo na filosofia da língua. Dito isto, a língua, para Breton e seus amigos, tende a uma *verdade* em via de revelação, pois eles sabem, por serem poetas, que esse tender a – como se diz em Heidegger – se compreende a partir de estruturas de antecipação, e que a linguagem é dentre elas uma das principais. Os poetas estão aí para que percebamos que, entre o dizer (*Sagen*) e o falar da linguagem comum (*Sprechen*), existe uma diferença, não de qualidade, mas de natureza. Assim, para Breton, uma filosofia da língua de tipo hermenêutica se articula com formulações do tipo estruturalista, pois aqui, o que é designado é o significado, e o que há além do significado: o propósito intencional da língua. Para Breton, e aqui isso se apresenta de maneira patente, a hermenêutica está, de certo modo, *esburacada*: *esse transportar-se* “num salto” ao lugar de aparecimento da linguagem, evoca o lapso do pensamento no mecanismo do jogo de palavras e da imagem surrealista que fascina tanto os surrealistas. Vemos porque não posso concordar com Soraya Tlarli, quando afirma que a poesia surrealista serve de referência à Lacan justamente por praticar essa autonomia do significante⁴². Há aí uma redução do surrealismo às suas produções lúdicas, desconsiderando-se a ação do pensamento atuando sobre elas.

Muitos sabem, melhor que eu, que Lacan interpreta o automatismo freudiano de repetição a partir do modelo linguístico, como um automatismo da cadeia significante. Estamos em 1955-1956 e Lacan começa o Seminário *Les Psychoses*. E eis que aquilo que antes era da ordem da pulsão passa a ser da ordem das palavras. Assim, o sujeito está alienado do significante (e portanto da ordem simbólica), da mesma maneira que está alienado da imagem no registro imaginário.

“É partindo da relação do sujeito com o significante e com o outro, com diferentes níveis de alteridade, outro imaginário e Outro simbólico, que podemos articular esta intrusão, esta invasão psicológica do significante que se chama psicose”⁴³.

A concepção do simbólico, para Lacan, se deve aos trabalhos de Lévi-Strauss. Mas poderíamos também dizer que Lacan leu, e muito bem, o Breton “teórico” do texto *Du surréalisme en ses œuvres vives*.

Todavia, se por um lado vemos um Lacan que aprofunda e transpõe a reflexão a respeito da psicose já apresentada em *Les Complexes familiaux*, seria em vão buscar encontrar o mesmo no discurso surrealista. Sabemos que o que Lacan evidencia é o fato da relação entre o sujeito e o significante ser ainda mais primária do que sua relação com a imagem. Não é mais o conteúdo do delírio psicótico que chama a atenção de Lacan (os temas típicos da paranoia, por exemplo), mas o fato da função representativa das palavras estar excluída. Na psicose, não é mais a imagem, mas o significante que aparece como elemento fundamental do simbólico. Lacan retoma então a questão da ausência do pai na psicose, afirmada desde *Les Complexes familiaux*, caracterizando a sua função: o pai é um significante que, por seu poder de metaforização, deve interromper o deslizamento do significante. Para explicar do que se trata, Lacan introduz o conceito original de “ponto de estofo”. Ele fornece, então, sua versão do complexo de castração freudiano: “[...] não se trata de um triângulo pai-mãe-filho, mas de um triângulo (pai)-falo-mãe-filho. Onde entra o pai nisso? Ele é o elo que prende tudo isso”⁴⁴.

O delírio mostra uma relação particular do significante com o significado, relação na qual o significante se solta do significado. Assim, Lacan passou da perspectiva hermenêutica que caracterizava *Fonction et champ de la parole et du langage* – enviada a Breton, lembremo-nos – à do estruturalismo, cujo texto *L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud*, de 1957, é o desfecho. Em todo caso, o delírio psicótico não está associado, no pensamento de Lacan, ao princípio da atividade poética e dos procedimentos oníricos: o psicótico sofre um

⁴² TLATLI, Soraya. *Le psychiatre et ses poètes, essai sur le jeune Lacan*, Paris, Tchou, 2000.

⁴³ LACAN, Jacques. *Le Séminaire*, livre 3, “Les psychoses”, Le Seuil, 1981, p. 251.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 359.

“descarilhamento do significante”, já o poeta é o organizador de sua própria loucura. Para Breton, não existe uma ideia concreta sobre essa relação.

O que deveria ser acrescentado é que todo o pensamento de Lacan, a partir de “Litturaterre”⁴⁵, em 1971, quando introduz o conceito de “letra”, diferenciado do conceito de “significante”, e o da instância do “real” diferenciado do da instância do “simbólico”, parece, com efeito, não somente representar um segundo “retorno à Freud” – isso é o que dizem os leitores e ouvintes deste Seminário – , mas também um segundo “retorno à Breton”. Não damos um grande enfoque a isso; aliás não damos enfoque algum. Lacan não seria o único que a morte de Breton (em 1966) teria libertado. Isto não nos faria pensar, no campo literário, em Aragon, que novamente se apropria, e, ao meu ver, de maneira fascinante, da herança surrealista? Em todo caso, a oposição entre linguística e a lingüística invalida a exclusividade da lingüística na identificação das leis que regem o inconsciente. A linguística proposta por Lacan busca se conectar a um objeto particular que seria *lalíngua*. E *lalíngua* (*lalangue*) seria um *savoir-faire*, e não um saber propriamente dito. Isso significa, sejamos claros: *mais que* um saber. Pois não há nada a se fazer com este saber, se ele não souber que não é nada além de um saber. Todo saber digno deste nome é um saber conhecedor de seus limites e extrapola a apreensão racional. Apoio-me sobre algumas frases extraídas da transcrição do seminário *Encore*:

“Sem dúvida, a linguagem é feita de *lalíngua*. Saber sobre a *lalíngua* é uma elocubração. Mas o inconsciente é um saber, um *savoir-faire* com *lalíngua*. E o que sabemos fazer com *lalíngua* vai muito além do que pode ser explicado por conta da linguagem”⁴⁶.

O gozo elaborado pelo uso singular que o poeta faz da linguagem revela que a linguagem não se reduz somente à ordem simbólica (no sentido lacaniano). Mas isso não significaria, em Lacan precisamente, um retorno a uma posição hermenêutica da língua, levando-o de volta à posição surrealista majoritária, de depois de André Breton?

Intransições, Devorações

É necessário retornar a esse período específico do pós-guerra, quando ocorre o debate de Lacan com a metáfora surrealista, no fim dos anos 50, em que a releitura de Saussure dá início a um movimento de potencialização do estruturalismo que, de um lado acha um ponto de aplicação em Claude Lévi-Strauss (pensemos em *Estruturas elementares do parentesco* de 1949 ou em *Introdução à obra de Marcel Mauss* de 1950), e do outro, em Jacques Lacan, que, no intervalo mencionado, separa o discurso de Roma de 1953, “*Função e campo da fala e da linguagem*”, e o texto de 1957, “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*”. Uma potencialização crescente e complexa, pois as palavras (sobretudo “o Significante”) não têm exatamente o mesmo sentido para uns e outros. De um lado, Breton, entre 1947 e 1955, trava com Claude Lévi-Strauss uma discussão acirrada, expressando simpatia e ao mesmo tempo tristeza em relação ao equívoco entre “significante flutuante”, em Lévi-Strauss, e “significante” a “halo”, como se pode dizer em Breton⁴⁷; do outro, Lacan discute com Lévi-Strauss, no Discurso de Roma, em 1953, e com Breton. É neste último ponto que eu gostaria de me ater.

Nesse sentido, seria necessário focarmos nossa atenção na análise da Metáfora que encontramos em uma célebre passagem do texto “*A Instância da letra no inconsciente*” (1957), passagem na qual vemos Lacan discutir sobre a própria definição da Metáfora e lançar suspeitas sobre a metáfora surrealista, não sem confundir algumas pistas.

⁴⁵ LACAN, Jacques. “Litturaterre”, *Autres écrits*, Le Seuil, 2001.

⁴⁶ LACAN, Jacques. *Le Séminaire*, livre 20, “Encore”, Le Seuil, 1975, p. 127.

⁴⁷ Como mostra de maneira excepcional Makoto Asari, na revista *Pleine Marge* nº32, dezembro de 2000, sob o título “Le Signifiant flottant et le signifiant à halo: Théories du signe chez Claude Lévi-Strauss et André Breton”.

Lembremo-nos: Lacan toma como exemplo o alexandrino publicado em *Booz Endormi* (Hugo): *Seu feixe não era avaro nem odiento*⁴⁸, naquele momento em que Booz recebe em sonho o anúncio de sua futura paternidade. O *feixe*, nessa sociedade rural na qual se cultiva a terra, é a promessa da descendência.

A metáfora clássica *in absentia* é valorizada sem reservas por Lacan, *contra* a metáfora surrealista, inicialmente acolhida de maneira amigável e desenvolta (“a poesia moderna e a escola surrealista nos fizeram dar um grande passo”), mas desvalorizada em seguida, por duas condenações: o “disparate das imagens significadas” seria uma exigência na escola surrealista; no mais, “a doutrina é falsa”...: por quê? Porque a doutrina surrealista valorizaria somente a metáfora *in presentia*. Lacan: “A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes, em que um deles substitui-se ao outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente por sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia”.

Poderíamos nos divertir com esta leitura um tanto rápida da *doutrina* (e da prática) surrealistas. A exigência surrealista de disparate das imagens significadas não é canônica, apesar do fato de Breton ter se oposto a Pierre Reverdy no primeiro *Manifeste* com relação a dois pontos. Segundo Breton, é falso dizer que na imagem, tal como é proposta por Reverdy, “o espírito captou as relações” entre as presenças das duas *realidades*: “Para começar, a mente não captou nada conscientemente. Foi, por assim dizer, da aproximação fortuita dos dois termos que surgiu uma luz especial, a *luz da imagem*, à qual nos mostramos infinitamente sensíveis”. Por outro lado, segundo Breton, é verdade que “o valor da imagem depende da beleza da centelha obtida”; ela é “função da diferença de potencial entre os dois condutores”⁴⁹. Podemos divagar a respeito da noção de diferença de *potencial*, a qual singularmente acrescenta à ideia *do arbitrário mais elevado* possível expressa por Breton em uma página anterior, e que não tem nada a ver com a tradução usual que se faz dessa expressão, como se os termos comparante-comparado devessem estar, para os surrealistas, o mais distantes possível. Há aqui um pensamento sobre a energética do sujeito ao qual não se dá muita atenção. Por outro lado, e sobretudo para retornar à leitura feita por Lacan, a metáfora *in absentia* está presente em todo o texto surrealista. Basta lembrarmos do exemplo emblemático *o orvalho com cara de gata*.

Eis que Lacan, de repente, lança seu veredito: “A doutrina [da metáfora surrealista] distorce”. Desse modo, a Metáfora surrealista, gratuita, ao presentificar significantes dispartes, não poderia produzir “sentido”, não induziria a uma busca significante, mas a um “estado de embriaguês”, como no jogo de substituição de uma palavra por outra. A metáfora deve ser um jogo do sentido que surge *dentro* do não-sentido, *depois* do não-sentido, depois de um vazio, um branco do sentido – ao passo que a metáfora surrealista jogaria com o jogo, não seria um jogo, seria menos que o jogo (tal é minha interpretação das frases descontínuas e bastante lacônicas de Lacan).

Mas o texto de Lacan se revigora, cita uma metáfora “moderna”, dessa vez com simpatia, e a apresenta como sendo proveniente de uma “jaculação”, emissão espontânea, um lançamento de palavras como o lançar de uma lança (no esporte romano). Essa metáfora, colocada em ritmo alexandrino, é “*O amor é um seixo rindo no sol*”, e ela se funda sobre um clichê metafórico: no caminho da vida, o que mais se pode encontrar além do amor? Ela também usa o deslizamento da assonância de *glissant* (*deslizando*) a *riant* (*rindo*). Por fim, fica claro que a metáfora – amor = seixo – é *in presentia*, um modo de emergência da metáfora que antes Lacan parecia condenar. Ora, é muito engraçado constatar que este verso (o colóquio nos confirmou) é de... Lacan.

Isso nos mostra claramente que Lacan se apropria e devora a herança surrealista. Não para destruí-la, pois é evidente que ele se alimentou dela.

⁴⁸ É divertido constatar que Lacan, por um lapso que não honra a exatidão de sua escuta, substitue *pas* por *point*.

⁴⁹ BRETON, André. *Manifeste du surréalisme*, 1924, in : *Œuvres complètes*, tomo I, éd. cit., p. 337.

Translações

É importante observarmos alguns outros lugares de pensamento que são comuns a Breton e a Lacan e que poderiam designar uma leitura do primeiro pelo segundo.

O primeiro desses lugares de pensamento foi evidenciado com perfeição por Radu Turcanu⁵⁰: trata-se da obsessão comum que veria a mensagem intersubjetiva, ainda que constituída à maneira de uma linguagem, como algo distorcido por diversos enigmas⁵¹. Quem fala em meu lugar? A questão assombra os dois autores: “[...] O que me importa o que se diz de mim, já que eu não sei quem fala, com quem eu falo e no interesse de quem nós falamos. Esqueço-me, falo de algo que já esqueci”, escreve Breton em *Introdução ao discurso sobre o pouco de realidade*⁵². E Lacan: “Quem está falando (quando eu falo)? Pois essa resposta não poderia vir dele, se ele não sabe o que diz, tampouco que fala”⁵³. Radu Turcanu relaciona, de uma forma muito bonita, a cisão do sujeito em Lacan e a famosa imagem bretoniana do homem cortado em dois, “frágil representação visual” que acompanha a frase de semi-vigília “Há um homem cortado em dois pela janela” da origem da experiência automática. Essa página do primeiro *Manifeste*⁵⁴ é uma excelente fábula das origens, na qual Breton conta a revelação da língua, como outros receberam o *dom das línguas*, a partir do momento em que a dita frase foi “incorporada” (ao seu material de construção poética, diz ele).

Que, para Breton, a resposta esteja na escritura automática, como pensa Radu Turcanu, não me parece tão evidente assim (um “material de construção poética” é uma poesia-em-ato, não é o automatismo no sentido comum do termo). Mas que a busca por um “algo mais de realidade” esteja continuamente presente tanto em Lacan como em Breton, isso é certo.

Outra área de convergência é o ato de relacionar o campo do sintoma ao da metáfora. Seria este um lugar de pensamento comum, ou um lugar onde se exerce a leitura inventiva e genial de Breton por Lacan? Ninguém se preocupou com isso até o momento, pois geralmente se considera Breton como um prosador genial e um poeta ocasional, embora eu só consiga lê-lo como um pensador-poeta. O pensador é nele o outro do poeta, e o poeta é o irmão gêmeo do pensador. E Lacan é um leitor dos *dois* Bretons.

Ora, podemos sobrepor perfeitamente o jogo dos fatos-escorregões e do fato-precipício (em *Nadja*, 1928) à relação estabelecida por Lacan entre sintoma e metáfora: “O sintoma é um paradigma para a metáfora”. Lembremos que o encontro com Nadja, personagem da narrativa, acaba por significar, para Breton, o narrador, o (cruel) encontro com uma palavra, o próprio nome de *Nadja*. Como se a única função dessa psicótica perturbadora seja a de carregar e levar um nome próprio que é o *indicador* de uma esperança, a do encontro de uma mulher que, ela sim, seria realmente *amável*, “X”.

Quanto aos fatos-escorregões, eles são apresentados como situações que induzem ao *mal-estar* (sedução e repulsão, ao mesmo tempo): “... Eu digo que, em Paris, a estátua de Étienne Dolet, na praça Maubert, sempre me atraiu por inteiro e causou em mim um insuportável mal-estar...”⁵⁵, ou ainda: “Nantes: talvez seja, como Paris, a única cidade da França onde tenho a impressão de que pode me acontecer alguma coisa que valha a pena, onde alguns olhares queimam por si só, pelo excesso de fogo”. Breton conta ainda que uma operária ergueu os olhos enquanto ele passava: ele devia ter parado. Ora, essas observações falam muito sobre a fantasia alucinatória visual, sobre o aspecto obsessivo, e (já) sobre o jogo metafórico das palavras. É por isso que o episódio de Bois-

⁵⁰ Evocando a tomada de perspectiva feita por ROUDINESCO, Élisabeth. *Jacques Lacan. Esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée*, Fayard, 1993.

⁵¹ TURCANU, Radu. Artigo citado, p. 22.

⁵² BRETON, André. *Œuvres Complètes*, tomo 2, éd. cit., pp. 270-271.

⁵³ LACAN, Jacques. *Écrits*, ed. cit., p. 800.

⁵⁴ BRETON, André. *Œuvres Complètes*, tomo 1, ed. cit., p. 325.

⁵⁵ BRETON, André. *Nadja*, 1928, *Œuvres complètes*, tomo 1, ed. Cit, p. 653 e 658.

Charbons (no qual Breton e Soupault têm a impressão de serem guiados, em sua perambulação, pelas palavras e letreiros das lojas onde se vende lenha) está inserido em duas alucinações visuais. *Depois*: a alucinação do crânio redondo da estátua de Jean-Jacques Rousseau, que evoca o corte desenhado de um pedaço de lenha, tal como é representado na fachada das lojas onde são vendidos. *Antes*: o ícone das lojas que vendem essas lenhas é apresentado como sendo premonitório de toda a série, e insistentemente presente: “Eu poderia dizer que, em qualquer rua por onde fôssemos, a qualquer altura à direita ou à esquerda, essas lojas surgiriam [...] Eu era avisado, guiado...”. E eis que as palavras com sua sonoridade se misturam a tudo o mais, já que uma associação no mal-estar torna perturbadora “uma melodia de um carrossel de cavalinhos de madeira”, em que a música se associa à imagem da lenha.

Ora, como Breton designa esse pedaço de madeira cortada? Não por meio da palavra *rondin* (tora), a mais comum, mas pela palavra *rondeau* (rondó), que é também um trecho de música (ou de poesia), palavra em assonância com *Rousseau* – o qual, por sinal, compôs músicas. Circulação de significantes declinados seguidos de formas lábeis que designa e traduz nosso mal-estar, o qual acaba por acompanhar o de Breton.

Como não evocar aqui o trabalho de Lacan, que descreve seu percurso a partir de observações psiquiátricas, como se portassem *hieróglifos da histeria* ou os *brasões da fobia*, os encantos da impotência, os enigmas da inibição, os oráculos da angústia, armas eloquentes da personalidade... “hermetismos”, diz Lacan, em 1953, “que nossa exegese resolve [...] em uma libertação do sentido aprisionado”⁵⁶.

Não se trata de dizer aqui que Lacan, lendo Breton, recebeu a iluminação que abriu a compreensão do sintoma, mas que a justaposição das duas partes de *Nadja* religadas pela palavra fato (*fatos-escorregões*, no início, depois *fato-precipício*, que constitui o encontro de Nadja na segunda parte da narrativa) corresponde à mesma relação existente entre sintomas e metáforas em Lacan, o primeiro sendo o paradigma do segundo. Para mim, não há sombra de dúvidas de que Lacan, em paralelo com suas observações clínicas, tenha lido e relido *Nadja*.

Um terceiro campo em comum seria o pensamento da *lalngua* e do desejo. Pois a discordância que podemos identificar entre eles sobre a relação entre linguagem e prazer pode não ser tão fundamental, agora. Tanto em um como no outro, o desejo ou a demanda de amor⁵⁷ sempre excede a descoberta. Há um “resto inassimilável e impossível de significar que é a própria união sexual, a qual supostamente deveria ratificar a descoberta”, diz Radu Turcanu. De um lado, lemos em Breton: “O amor sexual [...] continua sendo, para o espírito, [...] o mais terrível dos obstáculos”⁵⁸. E quando Lacan diz que não há relação sexual⁵⁹, mas somente “uma relação enviesada [...] que separa o sujeito do sexo”⁶⁰, isso significa que, para ele, (estou citando Radu Turcanu) não há reparação real para a cisão do sujeito e a diferenciação dos sexos, assim como para tudo o que advém disso. Em contrapartida, uma relação simbólica precede a dissociação biológica.

Em Lacan, a metonímia do desejo se une à metáfora do amor, e um outro desejo se constitui no lugar do sujeito aliviado que desfalece. “A analítica lacaniana”, diz Turcanu, “mostra, portanto, como o amor cria seu objeto, imobiliza-o, desvenda-o e preenche com ele, a cadeia de significantes no lugar onde ela se imobiliza quando o sujeito ali chega”. A demanda de amor, metafórica, “estabelece o sujeito no real”. Mas Lacan e Breton diferem quanto ao sentido que dão a esse modelo: dimensão mítica do amor em Breton, disjunção insistente do sujeito em Lacan.

⁵⁶ LACAN, Jacques. “Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse”, (1953), in *Écrits I*, Points-Seuil, p.161.

⁵⁷ O qual não pode, de modo algum, identificar-se com o amor cortês, tal como propõe, de maneira arriscada, Radu Turcanu nessa passagem, *Pleine Marge*, nº24, nov. 1996, p. 29. No entanto, todo o restante do artigo é extramamente esclarecedor.

⁵⁸ BRETON, André. Point du jour, *Œuvres complètes*, tomo 2, ed. cit., p. 316.

⁵⁹ *Encore*, ed. cit., p.35

⁶⁰ *Écrits*, éd.cit., p.799.

Seria necessário concluir essa tentativa, ou ao menos apresentar “conclusões”. Minha ambição não foi, no âmbito de um artigo, colocar em perspectiva os dois pensamentos em toda sua complexidade, nem alegar sua convergência! Há, sem dúvida, vários pontos de incompatibilidade entre Lacan e Breton: distância em relação ao pensamento sobre a metonímia, distância em relação ao pensamento sobre a função do pai. Mas, a meu ver, talvez a discordância sobre o pensamento da relação entre linguagem e gozo seja menor *entre* eles que no cerne de cada um dos dois pensamentos, os quais parecem hesitar entre o pensamento do jogo e o pensamento do gozo, particularmente poético.

Recebido em: 29 jul. 2015

Aprovado em: 21 dez. 2015